

A TEOLOGIA PRODUZIDA POR MULHERES: QUESTÕES QUE NOS DESAFIAM COMO HUMANIDADE

Antônio Gomes de Medeiros Filho

Religioso salesiano, padre. Atualmente está na assessoria da Comissão Episcopal para a Juventude da CNBB. É mestrando em Teologia Sistemática pela PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/8731707068158924>

<https://orcid.org/0009-0005-1575-7668>

E-mail: tonhogomes50@yahoo.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2-13>

RESUMO: O artigo pretende apresentar aspectos da vida e obra de três mulheres, a partir de sua produção acadêmica no campo da teologia, refletindo sua contribuição para a teologia fundamental em nosso tempo. São elas: Elisabeth Schüssler Fiorenza; Ivone Gebara e Elsa Tamez. Nascidas no século XX, sua produção acumula o caminho da reflexão teológica recolhendo a contribuição das mulheres ao pensamento humano, chegam ao século XXI provocando olhares, narrativas sobre situações vividas pelas mulheres em várias áreas do conhecimento como Bíblia, teologia, espiritualidade, gênero, serviços eclesiais e sociais. Acenam para um domínio do masculino sobre o feminino, apontam situações de subserviência e propõem caminhos novos nas relações e no jeito de lidar com a identidade cristã, nas Igrejas e entre seus pares. Um olhar minucioso, com análise apontam caminhos para novas relações, o conceito de discipulado de iguais, traz a baila a presença e importância do feminino na contribuição teológica.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia feminista. Discipulado de Iguais. Leitura Feminista da Bíblia.

THEOLOGY PRODUCED BY WOMEN: ISSUES THAT CHALLENGE US AS HUMANITY

ABSTRACT: The article intends to present aspects of the life and work of three women, based on their academic production in the field of theology, reflecting their contribution to fundamental theology in our time. They are: Elisabeth Schüssler Fiorenza; Ivone Gebara and Elsa Tamez. Born in the twentieth century, their production accumulates the path of theological reflection by collecting the contribution of women to human thought, they arrive in the twenty-first century provoking looks, narratives about situations experienced by women in various areas of knowledge such as the Bible, theology, spirituality, gender, ecclesial and social services. They point to a domination of the masculine over the feminine, point out situations of subservience and propose new paths in relationships and in the way of giving it to the Christian identity, in the Churches and among their peers. A detailed look, with analysis pointing out paths to new relationships, the concept of discipleship of equals, brings up the presence and importance of the feminine in the theological contribution.

KEYWORDS: Feminist theology. Discipleship of Equals. Feminist Reading of the Bible.

INTRODUÇÃO

As religiões, assim como os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram, nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento. As reivindicações das fiéis variam desde o acesso ao sacerdócio e ao pastorado, até processos de lutas dos clamores por direito a vida e dignidade. O desenvolvimento de um discurso teológico elaborado por mulheres e distinto, em muitos aspectos, daqueles que escrevem os homens é marcado pela forte influência das ideias feministas. Revisões das interpretações existentes dos textos sagrados e a proposição de novas interpretações são uma constante entre as teólogas feministas. As doutrinas e a organização institucional têm sido alvo de sua crítica.

As teólogas apresentadas nesse trabalho elaboram seu pensamento teológico, em geral, ligadas a um movimento de reinterpretação de tradições religiosas a partir de uma perspectiva de gênero, que busca dar voz e protagonismo às mulheres nas esferas religiosa e teológica. Ela questiona discursos religiosos patriarcais e machistas, reavalia as escrituras e práticas religiosas sob uma lente feminista e promove o empoderamento feminino e a igualdade.

São características e objetivos da teologia feminista: 1. Crítica ao patriarcado: A teologia feminista critica as estruturas e discursos religiosos tradicionais que historicamente inferiorizaram ou oprimiram as mulheres; 2. Reinterpretação das escrituras: Examina textos sagrados (como a Bíblia) à luz do contexto histórico-cultural patriarcal em que foram escritos, buscando novas interpretações que não perpetuem o machismo, buscando a superação do apagamento e silenciamento das mulheres; 3. Ressignificação de Deus: Propõe a reflexão sobre o caráter não-sexuado de Deus, questionando a predominância da figura do “Deus-Pai” e defendendo a abertura para outras representações divinas, como “Deus Mãe”, visto que a Bíblia apresenta qualidades maternas atribuídas ao Eterno; 4. Protagonismo feminino: Busca aumentar a participação das mulheres nas Igrejas, em posições de liderança religiosa e como sujeitas ativas na produção teológica, em vez de apenas receptoras e Empoderamento: Reconecta a espiritualidade com experiências de opressão e exclusão social, como as de mulheres pobres, negras e latino-americanas, para promover uma espiritualidade libertadora e a busca por justiça social.

UM POUCO DA TRAJETÓRIA DAS AUTORAS

UMA VOZ VINDA DESDE A EUROPA: ELISABETH FIORENZA – UMA LEIGA - RECUPERAR A VOZ DAS MULHERES

A primeira autora é Elisabeth Schüssler nasceu em 17 de abril de 1938, em Cenad, uma localidade na região de Banato, no Reino da Romênia, onde pertencia à população católica Suábia de língua alemã de Banato. Morou em Frankfurt onde frequentou escolas locais. Recebeu Licenciatura em Teologia, da Universidade de Würzburg em 1963, sua tese publicada em alemão, *A Parceira Esquecida*, em 1964. Posteriormente, ela obteve o título de Doutora em Teologia pela Universidade de Münster. Em 1967, se casou com Francis Schüssler Fiorenza, um teólogo americano que estava estudando na Alemanha. Em 1970, ambos garantiram cargos de ensino na Universidade Católica de Notre Dame. Enquanto estavam em Notre Dame, eles tiveram sua filha, Christina. Schüssler Fiorenza então lecionou na Episcopal Divinity School em Cambridge, Massachusetts.

Schüssler Fiorenza se identifica como católica e seu trabalho geralmente se insere no contexto do cristianismo, embora grande parte de seu trabalho tenha uma aplicabilidade mais ampla.

Em *Memória Dela: Uma Reconstrução Teológica Feminista das Origens Cristãs* é um dos primeiros e mais conhecidos livros de Schüssler Fiorenza. Esta obra, que defendia a recuperação das contribuições negligenciadas das mulheres na Igreja Cristã primitiva, estabeleceu um alto padrão de rigor histórico na teologia feminista. Além disso, ela publicou amplamente em periódicos e antologias.

Na reconstrução do cristianismo primitivo em "Em Memória Dela", Schüssler Fiorenza discute paulinos detalhadamente. Explora suas epístolas, bem como a narrativa de seu ministério nos Atos dos Apóstolos. Alguns veem a relação entre o apóstolo Paulo e as mulheres como misógina, apontando passagens controversas sobre a subordinação das mulheres, seu silêncio necessário na igreja e muito mais. Schüssler Fiorenza rejeita essa noção e se aprofunda nas histórias para encontrar o verdadeiro Paulo e sua relação com as mulheres.

Ela discute os muitos encontros de Paulo com mulheres ao longo do cânone e em obras apócrifas, observando que, em todo o texto, Paulo via as mulheres como iguais,

tanto como pessoas quanto no ministério. Atenção especial é dada aos Atos de Paulo e Tecla, uma história que, apesar de ter o nome de Paulo no título, é principalmente sobre a santidade e o ministério de sua extraordinária companheira.

Para se concentrar na fonte dessa reconstrução da igualdade de gênero, Schüssler Fiorenza recorre a um dos principais versículos teológicos de Paulo, Gálatas 3,28 : “Já não há judeu nem grego, já não há escravo nem livre, já não há homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus. “Schüssler Fiorenza vê essa declaração como “uma expressão-chave da autocompreensão teológica do movimento missionário cristão, que teve um impacto histórico de longo alcance”. Ela também combateu a compreensão gnóstica de que “tornar-se discípulo significa para uma mulher se tornar 'masculino', 'como homem', e renunciar aos seus poderes sexuais de procriação, porque o princípio masculino representa o reino celestial, angelical e divino, enquanto o princípio feminino representa a fraqueza humana ou o mal.” Nas comunidades cristãs de Paulo, as mulheres não precisavam se tornar como os homens para serem mais santas; elas simplesmente tinham que seguir a Cristo. Da perspectiva de Schüssler Fiorenza, esta declaração em Gálatas é uma confirmação da legitimidade, entre outras populações marginalizadas, das mulheres no ministério.

Ela também discute os códigos domésticos encontrados em Colossenses 3,18–4,1 e 1Pedro 2,11–3,12 , bem como o que pode ser deduzido de Efésios . Ela afirma que os lares e a “igreja” neles abrigados teriam sido originalmente espaços de igualdade de gênero, mas à medida que o cristianismo cresceu e enfrentou pressões crescentes para se conformar à cultura greco-romana, o sexismo teria começado a se infiltrar. Papéis de coiguais no ministério, como o cargo inicial de bispo, eram considerados “situações socialmente voláteis”. Isso, combinado com o desejo de tirar o poder da igreja das mãos de mulheres ricas, levou à introdução do patriarcado na igreja paulina.

Embora as restrições e versículos misóginos frequentemente citados fizessem parte das cartas Paulinas de alguma forma, Schüssler Fiorenza insiste que eles existiam para ajudar a aliviar as tensões entre a igreja incipiente e a cultura circundante, bem como para afastar a percepção de se tratar de uma seita. No entanto, as comunidades, pós-paulinas e pseudopaulinas, removiam essas restrições a fim de transformar a igualdade em Cristo entre mulheres e homens em uma relação de subordinação.

A obra de Schüssler Fiorenza, *But She Said*, é uma expansão de suas obras anteriores e uma aventura no desenvolvimento de interpretações bíblicas feministas. Por meio desse esforço, busca cuidar de uma prática feminista de interpretação de textos bíblicos de maneiras que auxiliem as lutas das mulheres pela liberdade e criem espaço para que essa releitura dos textos bíblicos ocorra.

A chave para o objetivo de Schüssler Fiorenza é a desconstrução de uma teologia limitante que domina o cenário da interpretação bíblica. Mais do que simplesmente nomear a disposição patriarcal das ideologias bíblicas tradicionais e limitadas, ela expõe sua natureza elitista, racista e classista, identificando-as como *kyriarcal*, comandadas por mestres. Ao apontar as falhas dessa perspectiva limitada, ela propõe que os preconceitos *kyriarcais* de intérpretes anteriores não sejam transmitidos ao discurso bíblico contemporâneo. Schüssler Fiorenza promove esse propósito ao se envolver em conversas com teorias feministas e o processo de interpretação bíblica. Um elemento-chave da contribuição de Schüssler Fiorenza para a interpretação bíblica deste livro é a apresentação da interpretação como uma dança em espiral.

Schüssler Fiorenza usa a analogia de uma dança para retratar sua abordagem, incluindo estratégias feministas de interpretação bíblica e retórica de libertação, uma vez que a interpretação não é realizada de forma puramente linear, mas consiste em estratégias que devem ser repetidas como os passos de uma dança. Rejeitando reivindicações de objetividade e neutralidade, a abordagem de Fiorenza para a interpretação bíblica destaca as posições sociais e históricas tanto do leitor quanto do texto, reconhecendo assim que todas as leituras de textos, ao longo da história, são influenciadas por diferentes perspectivas e interesses.

Na última seção de seu trabalho, Schüssler Fiorenza articula uma visão para uma comunidade pela qual uma leitura feminista da Bíblia pode ocorrer. Esta eclesía de mulheres deve ser sustentada pela igualdade radical e ser um espaço pelo qual as lutas feministas pela transformação das instituições sociais e religiosas podem se tornar realidade. Como uma comunidade teórica e real de intérpretes bíblicos, a eclesía é uma estrutura que se opõe às interpretações que levaram à dominação. A eclesía de mulheres é um lugar marcado pela pluralidade, reflexão crítica e compromisso com a libertação.

O que a autora pretende com a articulação entre *eclésia* e discipulado de iguais é tornar presente “o mundo alternativo de justiça e bem-estar, desejado pelo poder vivificante de D—s, como realidade e visão, no meio dos mortíferos poderes da opressão patriarcal e da desumanização”. Tal proposta se insere no quadro da sua perspectiva reconstrutiva que, ao contrário da teologia feminista reformista, não se preocupa muito com os ganhos a curto prazo para as Mulheres no interior da igreja, explicitando-se no binômio: *discipulado de iguais – eclésia of wo/men*.

Como se formulam esta ideia e articulação? Ouçamos a autora:

Eu elaborei em “But She Said”, a expressão eclésia de mulheres (wo/men) significando o congresso de decisões para fazer cidadãos. Ela está identificada não somente com o espaço religioso cristão, mas expressa uma alternativa de situação e de visão à democracia sociopolítica. Ela busca transmitir a realidade “imaginada” da democracia radical que nunca foi amplamente compreendida na história [...]. A expressão eclésia para mulheres (wo/men), busca articular uma tensão criativa entre o “já” e o “ainda não”, entre as imagens e o centro, entre a pirâmide e o círculo, entre uma kyriarchia sistemática por um lado, e a noção democrática radical da eclésia, como um discurso que vai na direção contrária do movimento feminista e da luta sobre o outro.

Resumindo, o conceito da eclésia para mulheres (wo/men) oferece um quadro teórico que permite às feministas, na religião bíblica, desconstruir o centro patri-kyriarchal das tradições bíblicas e culturais ocidentais, elaborando simultaneamente a eclésia para mulheres, ambos como discursos democráticos radicais e de formação política. [...] (Schüssler-Fiorenza, 2002, p. 72).

Desta proposta, Fiorenza afasta categoricamente duas hipóteses:

Primeiro, aquela que pretende a integração de Mulheres nas estruturas patriarcais e, segundo, a que queira recuperar qualquer tipo de identidade feminina essencial. O que está em jogo é, então, uma espécie de transmutação ou transformação radical e, nesse sentido, Fiorenza afirma que só depois de terem reivindicado a *eclésia*, comunidade, legado, teologia e espiritualidade –será possível nomear o divino de outra maneira, porque “[a] condição prévia absoluta dos novos mitos e imagens cristãs libertadoras não é apenas a modificação da consciência individual, mas também das estruturas sociais, eclesiais e teológicas” (Schüssler-Fiorenza, 1995, p. 89).

A proposta hermenêutica de Fiorenza revela três aspetos essenciais:

Em primeiro lugar, o fato de o contexto de produção dos textos bíblicos corresponder a um modo de ver o mundo patriarcal/kiriarchal, visão essa que determina quer a pouca presença de mulheres, quer também a pouca importância

dos papéis que desempenham. Por isso, a autora evidencia, igualmente, o cuidado a ter com a recepção de tais textos, uma vez que essa recepção pode transformar a Bíblia numa referência opressora para as Mulheres, por reproduzir a distorção original da produção dos textos.

Em segundo lugar, para Fiorenza, não é evidente que as mulheres não tivessem tido um papel ativo no início do cristianismo. Pelo contrário, para ela, elas tiveram esse papel necessariamente e só, posteriormente, foram apagadas dos textos e, portanto, da memória coletiva e da história.

Em terceiro, Fiorenza aponta as duas determinações que, a seu ver, devem sustentar a abordagem dos textos bíblicos: por um lado e, no quadro de uma hermenêutica da suspeita, os textos devem ser enquadrados no seu contexto de produção, no seu *Sitz im Leben (situação vital)*, de modo a permitir que se dissocie aquilo que de simbólico existe neles e aquilo que neles é histórico, ao mesmo tempo que se revele que interesses estão a suportar os textos e quais são os seus objetivos; por outro lado, sublinha a autora, há que pôr a trabalhar uma racionalidade imaginativa que ajude a fazer uma reconstrução poética das situações.

O feminismo cristão é fascinado pela visão de igualdade, integridade e liberdade, expressa em Gálatas 3, 27: em Jesus Cristo “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem ou mulher”. Esta Carta Magna do Feminismo Cristão foi oficialmente ratificada pelo Vaticano II, na Constituição sobre a Igreja (nº 32): “Portanto, não há em Cristo e na Igreja nenhuma desigualdade com base em raça e nacionalidade, condição social ou sexo, pois não há judeu nem grego (Gl 3, 28)”.

Todavia, esta visão jamais foi plenamente realizada pela Igreja cristã através da sua história. O contexto da declaração conciliar reflete esta prática discriminatória da Igreja, na medida em que pleiteia a igualdade para todos os cristãos apenas com respeito à salvação, à esperança e à caridade, não, porém com respeito às estruturas da Igreja e ao ofício eclesiástico. O malogro da Igreja quanto a realizar Gálatas 3, 28-29, em suas próprias instituições e práxis, teve como consequência uma longa teologia sexista da Igreja, a qual tentava justificar a práxis eclesial da desigualdade e suprimir assim a visão cristã e o clamor de igualdade e liberdade, dentro da Igreja.

UMA VOZ DESDE O BRASIL, O CAMINHAR DE UMA FREIRA EM RELAÇÃO

A segunda autora é Ivone Gebara. Nascida em São Paulo, dia 9 de dezembro de 1944, de ascendência sírio-libanesa, ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho em 1967, aos vinte e dois anos, depois de graduar-se em filosofia. Obteve seu doutorado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica.

Ligada à Teologia da Libertação, entre 1973 e 1989, foi professora de filosofia e teologia no Instituto Teológico do Recife (ITER), na época em que Dom Hélder Câmara era o arcebispo de Olinda e Recife. Desde então dedica seu tempo a escrever e a ministrar cursos e palestras, em diversos países do mundo, sobre hermenêuticas feministas, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos e teológicos do discurso religioso.

A partir de 1973, passou a viver no Nordeste e morou em um bairro popular de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, a 25 km da capital pernambucana. Foi integrante da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. Colaborou com diferentes revistas de teologia, tais como: “*Alternativa*”, “*Tempo e Presença*”, “*Spiritus*”, “*Conspirando*” etc. Em 1995, Ivone Gebara foi processada e condenada pelo Dicastério da Doutrina da fé por fazer críticas à doutrina moral da Igreja, especialmente no tocante ao aborto, em uma entrevista à revista *Veja*, afirmou que o aborto não deveria ser considerado pecado para as mulheres pobres, e que a opção pelos pobres defendida pela teologia da libertação exigiria uma maior tolerância para as mulheres pobres que decidem interromper a gravidez sendo-lhe imposto o silêncio obsequioso, sendo orientada a refazer seus estudos teológicos. Nesse período obteve seu segundo doutorado, em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, e produziu um livro em que aborda a questão do mal: *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*.

No doutorado em teologia Ivone foi orientada por Adolph Gesché na elaboração de sua tese de doutorado na Universidade Católica de Lovaina. Essa tese teve como ponto de partida estudos sobre as relações entre feminino e masculino como construções sociais capazes de produzir um certo tipo de opressão e de exclusão das mulheres de uma

cidadania integral. Nesses estudos investigou o enigma da maldade humana, a partir de uma análise de gênero através do método fenomenológico influenciada por autores como Edmund Husserl, Paul Ricoeur, entre outros. Tratava-se de uma fenomenologia existencial elaborada a partir do sofrimento das mulheres, como base nos núcleos de reflexão:

1. Fenomenologia do mal sobre o feminino;
2. Compreensão do mal, com base na hermenêutica de gênero;
3. Experiência da salvação das mulheres;
4. Deus na perspectiva das mulheres.

Ivone acredita que falar do mal a partir da perspectiva religiosa exigiria, para as mulheres, falar de um Deus com muitos rostos e com nenhum; um Deus que se inseriria em sua vida cotidiana, se mostraria clemente em umas ocasiões e exigente em outras; um Deus crítico e iconoclasta das falsas imagens que fizeram dele.

Teóloga eco-feminista, Ivone Gebara, influenciada por Rosemary Radford Ruether, Elisabeth Schüssler Fiorenza, Dorothee Sölle, entre outras, é considerada uma das fundadoras da teologia feminista na América Latina, que elaborou sua reflexão feminista a partir dos problemas concretos suscitados no contexto latinoamericano. Parte de suas reflexões busca investigar a função e o significado do fenômeno religioso na vida das pessoas.

Ivone:

1. Entende o pecado como a negação da vida e da dignidade dos seres humanos, especialmente das mulheres, e a degradação do meio ambiente;

2. Se opunha às imposições de dogmas, pois tais imposições gerariam escravidão e dependência. A busca dos significados mais profundos ajudariam a obter a liberdade.

3. Criticou o documento “*Dominus Iesus*” produzido pela Congregação para a Doutrina da Fé, que ao afirmar que Jesus como “Filho de Deus, Salvador e Mediador Único e Universal”, além de fechar portas para o diálogo interreligioso, também daria uma base para a marginalização das mulheres dentro da Igreja Católica, isso porque, o entendimento de que Jesus seria o único mediador para a salvação, excluiria as mulheres

como portadoras da graça e da salvação, função que, segundo a cristologia tradicional, seria restrita aos homens, que seriam os únicos representantes legítimos de Cristo.

4. Nesse contexto, defende, como alternativa à exclusividade salvífica de Jesus, a multiplicidade de caminhos de salvação, de justiça, ternura e felicidade, que incluísse os interesses das mulheres e dos marginalizados. Trata-se de superar o centralismo cristológico masculino e buscar uma dimensão plural e inclusiva. Esta perspectiva permite reconhecer a dignidade e a dimensão salvífica de outras religiões, culturas e cosmovisões, como as afroamericanas e indígenas, que sofreriam discriminação por parte dos cristãos e da cultura ocidental em geral desde os tempos da conquista até os nossos dias. A partir de tal reconhecimento se poderia estabelecer um diálogo interreligioso para estabelecer critérios mínimos éticos de respeito, convivência pacífica e colaboração para a defesa do meio ambiente e o estabelecimento de justiça e paz entre homens e mulheres.

5. Defende que se deveria superar “uma espécie de idolatria“ em torno da figura de Jesus e descentralizar tal figura, isso por meio da inclusão das marginalizadas e dos marginalizados na dimensão crística de nossa existência. Desse modo seriam fortalecidos laços de solidariedade, resgatados a sabedoria e a ética ensinadas por Jesus em conjunto com a sabedoria e a ética de outras religiões e culturas.

6. Além disso, sustenta que a cristologia deve sofrer um processo de desantropologização, que permita considerar a dimensão ecológica da fé:

“Os seres humanos não somente necessitam hoje serem salvos dos pecados que cometemos uns contra os outros. Necessitamos também salvar a natureza dos pecados que cometemos contra ela”

7. Procurou desconstruir as categorias patriarcais presentes na Bíblia, na organização eclesiástica e na teologia católica, por meio da reconstrução e reinterpretção do cristianismo a partir da perspectiva das mulheres pobres através da recuperação de sua memória histórica, que revelaria uma constante atitude de resistência, ativa e passiva, em favor de uma sociedade fraternal. Para isso, se utilizou da “hermenêutica da suspeita”, que é uma perspectiva teológica não regida por um racionalismo rígido e dogmático, que exige superar o medo, duvidar de certas respostas estereotipadas e formular perguntas relacionadas à fé.

8. Associava a discriminação contra a mulher à discriminação contra a natureza e, portanto, questionava a interpretação antropocêntrica do relato bíblico da criação que apresenta o homem como rei e senhor da criação, pois legitimaria a depredação da natureza e a marginalização da mulher. Nesse contexto, defendia a necessidade de desenvolver um pensamento teológico em chave ecofeminista, vinculado à nova interpretação sociohistórica da Bíblia.

UMA VOZ VINDA DA AMÉRICA DO NORTE – MÉXICO. HERMENEUTICA DAS MULHERES E DOS EMPOBRECIDOS

Elsa Tamez nasceu em Ciudad Victoria em Tamaulipas (México) em 1950. Obteve licenciatura em teologia pelo Seminário Bíblico Latino Americano na Costa Rica e em literatura e linguística pela Universidade Nacional da Costa Rica. Obteve doutorado em teologia pela Universidade de Lausana (Suíça). Foi colaboradora do Departamento Ecumênico de Investigações (DEI), em San José (Costa Rica) desde sua fundação em 1976 juntamente com Hugo Assmann e Franz Himkelammert. Entre 1984 e 1999, foi integrante da Comissão de Educação Teológica Ecumênica do Conselho Mundial de Igrejas.

Entre 1995 e 2000, foi reitora da Universidade Bíblica Latinoamericana (UBL) em San José (Costa Rica), onde posteriormente também foi professora de estudos bíblicos. Entre 1996 e 2001, foi coordenadora do Programa da Mulher da Associação de Teólogos do Terceiro Mundo. Em 2002, foi professora visitante em “World Christianity” na Harvard Divinity School. Foi professora na Universidade Nacional da Costa Rica. Foi integrante do comitê de políticas de tradução da Bíblia (Sociedades Bíblicas Unidas) e assessora do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI). Foi integrante do Conselho de direção da Revista Internacional de teologia Concilium.

É uma importante teóloga feminista latino-americana, que procurou interpretar os textos bíblicos por meio de uma dupla contextualização que considera a época em que foram escritos e a época em que são lidos. O resultado é que os textos ganham maior sentido na perspectiva da Teologia da Libertação. Procurou conciliar teorias feministas com a interpretação da Bíblia e desconstruir as imagens patriarcais de Deus.

Sua primeira contribuição relevante à teologia feminista foi o artigo “*La mujer que complicó la historia de la salvación*”, escrito em 1980, que reflete sobre a figura bíblica de Agar.

Depois publicou “*El rostro femenino de Dios*”, que consolidava reflexões de um encontro de teólogas latino-americanas celebrado na Argentina em 1985, no qual as mulheres reunidas rechaçaram a ideia de que o discurso racional e analítico seria o único válido na teologia e defenderam a necessidade de um discurso teológico diferente: “*com olhos de mulher*”.

Acreditava que a luta revolucionária deveria estar acompanhada de ternura, e a práxis da justiça exigiria também uma práxis do carinho.

Publicou dois livros de entrevistas com teólogos da libertação sobre as mulheres.

Entendia a teologia mais como uma vivência, do que como uma disciplina, pois seria a expressão de experiências de vida em determinadas situações que refletiria a ausência ou a presença de Deus. Suas concepções teológicas foram influenciadas pelo contexto, marcado pelos processos revolucionários na América Central, portanto, acreditava que a teologia não poderia ser neutra.

Acreditava em um Deus dos pobres, misericordioso que se indignava frente à injustiça e a opressão e fazia sua opção pelos excluídos da sociedade. Era uma crítica do Deus-Mercado do neoliberalismo, que exerceria uma enorme fascinação em nossa sociedade e deslumbre com suas propostas de felicidade, mas seria um Deus sem misericórdia e sem graça, que exigiria sacrifícios humanos e cujo triunfo seria a derrota dos pobres, que seriam excluídos da salvação.

UM OLHAR A PARTIR DE ALGUNS ESCRITOS DAS AUTORAS

RECUPERANDO A PRESENÇA DA MULHER NO SAGRADO - O DISCIPULADO DE IGUAIS

Elisabeth Schüssler Fiorenza é autora de uma vasta obra, traduzida em várias línguas, pode representar “um balanço e perspectiva” porque põe em relevo a peculiaridade do seu trabalho que, sem renunciar nunca aos parâmetros decorrentes da exigência acadêmica de cientista que é, expõe, simultaneamente, a articulação entre

esse trabalho e o seu percurso existencial, bem como o seu total compromisso com uma práxis libertadora. Esta posição foi sempre afirmada por Fiorenza das mais diversas formas. Por exemplo, em *Jesus: Miriam's Child, Sophia's Profet* (2000, p. 27), defende que as estudiosas feministas da religião devem distinguir entre os discursos da teologia, do feminismo e da ciência, mas, ao mesmo tempo, devem ser capazes de trabalhar nas suas fronteiras e saber mover-se entre eles, chegando a afirmar que a teologia feminista deve ser agitadora e funcionar como uma “estrangeira com residência permanente”.

No que diz respeito à sua inserção no campo das Teologias contemporâneas, em termos de síntese, poder-se-á dizer que sua proposta se deixa descrever no quadro de uma hermenêutica da suspeita, sendo que ela mesma classifica o seu trabalho como uma Teologia feminista crítica da libertação. Tal autodesignação obriga a uma série de esclarecimentos conceituais que me proponho fazer na continuação.

Elisabeth Fiorenza entre suas publicações, destaco:

Em memória dela: uma reconstrução teológica feminista das origens cristãs (1983).

Na reconstrução do cristianismo primitivo em “*Em Memória Dela*”, Schüssler Fiorenza discute São Paulo em detalhes. Ela explora suas epístolas, bem como a narrativa de seu ministério nos Atos dos Apóstolos. Alguns veem a relação entre o apóstolo Paulo e as mulheres como misógina, apontando para passagens controversas sobre a subordinação feminina, seu silêncio obrigatório na igreja e outros temas. Schüssler Fiorenza rejeita essa noção e aprofunda-se nas histórias para encontrar o verdadeiro Paulo e sua relação com as mulheres.

Ela discute os muitos encontros que Paulo tem com mulheres ao longo do cânone e em obras apócrifas, observando que, em todos os casos, Paulo via as mulheres como iguais, tanto como pessoas quanto no ministério. É dada atenção especial aos Atos de Paulo e Tecla, uma história que, apesar de ter o nome de Paulo no título, trata principalmente da santidade e do ministério de sua extraordinária companheira.

Para se concentrar na origem dessa reconstrução da igualdade de gênero, Schüssler Fiorenza recorre a um dos versículos teológicos centrais de Paulo, Gálatas

3,28 : “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vocês são um em Cristo Jesus”. Schüssler Fiorenza vê essa declaração como “uma expressão fundamental da autocompreensão teológica do movimento missionário cristão, que teve um impacto histórico de longo alcance”. Ela também combatia a compreensão gnóstica de que “tornar-se discípula significa para uma mulher tornar-se ‘homem’, ‘como homem’, e renunciar aos seus poderes sexuais de procriação, porque o princípio masculino representa o reino celestial, angelical e divino, enquanto o princípio feminino representa a fraqueza humana ou o mal”. Nas comunidades cristãs de Paulo, as mulheres não precisavam se tornar como os homens para serem mais santas; elas simplesmente precisavam seguir a Cristo. Na perspectiva de Schüssler Fiorenza, esta declaração em Gálatas é uma confirmação da legitimidade, entre outras populações marginalizadas, das mulheres no ministério.

Ela também discute os códigos domésticos encontrados em Colossenses 3,18–4,1 e 1 Pedro 2,11–3,12 , bem como o que pode ser inferido de Efésios . Ela afirma que as famílias e a “igreja” nelas instalada teriam sido originalmente espaços de igualdade de gênero, mas, à medida que o cristianismo crescia e enfrentava pressões crescentes para se conformar à cultura greco-romana , o sexismo teria começado a se infiltrar. Funções de igualdade no ministério, como o antigo ofício de bispo , eram consideradas “situações socialmente voláteis”. Isso, combinado com o desejo de tirar o poder da igreja das mãos de mulheres ricas, levou à introdução do patriarcado na igreja paulina.

- Pão, não pedra: o desafio da interpretação bíblica feminista (1985)
- Mas ela disse: práticas feministas de interpretação bíblica (1992)
- Discipulado de Iguais: Uma Eclesiologia Feminista Crítica da Libertação (1993)

Schüssler Fiorenza articula uma visão de uma comunidade na qual uma leitura feminista da Bíblia possa ocorrer. Essa eclésia de mulheres deve ser sustentada pela igualdade radical e ser um espaço no qual as lutas feministas pela transformação das instituições sociais e religiosas possam se concretizar. Como uma comunidade teórica e real de intérpretes bíblicos, a eclésia é uma estrutura que se opõe às interpretações que levaram à dominação. A eclésia de mulheres é um lugar marcado pela pluralidade, pela reflexão crítica e pelo compromisso com a libertação.

- Jesus: filho de Miriam, profeta de Sophia: questões críticas na cristologia feminista (1994)
- Compartilhando Sua Palavra: Interpretação Bíblica Feminista em Contexto (1998)
- Jesus e a Política da Interpretação (2000)
- Caminhos da Sabedoria: Introdução à Interpretação Bíblica Feminista (2001)
- A Visão Transformadora: Explorações na Teologia Feminista (2011)
- Horizontes em Mudança: Explorações na Interpretação Feminista

TEOLOGIA ECOFEMINISTA. UMA FENOMENOLOGIA DO MAL SOFRIDO PELAS MULHERES

Ivone Gebara é autora de mais de trinta livros e inúmeros artigos publicados em português, espanhol, francês, inglês e alemão. Dentre suas obras, destaco:

- “María mujer profética” (em co-autoria com Maria Clara Luchetti Bingemer, San Pablo, Madri, 1988);
- “As incomodas filhas de Eva na Igreja da América Latina” (1990);
- “Poder e não poder das mulheres” (1991);
- “Vida Religiosa, da teologia patriarcal à teologia feminista” (1992);
- Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista (1994)
- Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião (1997)
- Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do Mal (2000)

Ivone Gebara, no livro Rompendo o silêncio, identifica quatro formas do mal sofrido e enfrentado pelas mulheres: o mal de não ter, não poder, não saber, não valer. Estes males atingem as mulheres e se manifestam com maior ou menor intensidade de acordo com suas inserções sociais.

O feminino como mal de não ter. Como satisfazer às suas necessidades e, sobretudo, efetivar as atividades de produção e reprodução da vida; como gerar e criar os filhos e filhas, administrar a vida doméstica e familiar em toda sua complexidade, papéis

estes designados às mulheres. Como diz Gebara: “A vida das mulheres parece estar ligada a este aspecto primordial ou primário da manutenção da vida. Por conseguinte, o mal de não ter ou a falta do essencial para viver as atinge de modo particular”(p.49).

O feminino como mal do não poder. Representado através da experiência de Violeta Parra, (p.60) que vivencia o seu não poder ao se filiar a um partido político de esquerda para participar do movimento de libertação do seu país e, paradoxalmente, vivencia sua luta pela liberdade às custas de sua própria liberdade. Isto nos remete a refletir sobre a saída das mulheres do mundo privado (do doméstico) para o mundo público (da política) que, no caso de Violeta Parra e de grande parte das mulheres que fazem este percurso via partidos políticos ou movimentos sociais, não experimentam uma mudança significativa no exercício dos papéis designados a elas, o que faz com que passem a exercer nesses novos espaços as mesmas atividades caracterizadas como femininas -de organização, manutenção entre outras- não conseguindo, na maioria das vezes, uma posição de igualdade na distribuição dos poderes com seus companheiros homens. Sendo reproduzidas no espaço público as situações de desigualdades e subordinações das mulheres nos espaços privados.

O feminino como mal de não saber. Gebara ilustra muito bem esse mal apoiando-se no exemplo da Irmã Joana Inês da Cruz, (p.62) do convento de São Jerônimo, no México, no século XVII. Qual o grande pecado dessa freira? Imiscuir-se no mundo das letras, querer provar das fontes do conhecimento -lugar eminentemente masculino, dirigido pela eclesiástica patriarcal romana, cuja divisão social do trabalho, sempre colocou para a mulher, o servir, a abnegação e a renúncia à capacidade de pensar. Pois bem, a Irmã Joana Inês da Cruz obteve como redenção o exílio do estudo e do conhecimento, com a sua adequação ao papel de serva, cuidando das atividades domésticas e das irmãs enfermas atingidas pela peste.

O feminino como mal de não valer. O valor é um lugar de dor para as mulheres. Mulheres valem como objetos, de prazer ou de ódio. A sociedade hierarquiza os seres humanos e multiplamente pune as mulheres, e as pune por sua condição de gênero, por sua condição de classe e pela cor de sua pele. As mulheres interiorizam esta hierarquização, onde elas estão em uma posição inferior, e purgam o seu sofrimento na malignidade de suas condições. É necessário que se leve em conta a extensão destas desigualdades entre os seres humanos e as diferenças existentes entre as mulheres em

suas vivências cotidianas. Deste modo, em diferentes classes sociais, em diferentes lugares e situações geracionais e étnicas, vivenciam-se diferentes situações de exploração da mulher.

Na história do feminismo, principalmente a partir dos anos 60, houve uma busca sistemática de uma identidade coletiva das mulheres, tentando forçar sua legitimidade política. Neste curso, a busca por uma identidade coletiva única não respondia às cismas e dissidências dentro do movimento. Assim, as especificidades que transversa lizaram a vida cotidiana das mulheres (por exemplo, etnia, classe, gênero, sexualidade, religião etc.) colocaram em dúvida a possibilidade de um sujeito universal desprovido de suas vivências específicas. Coube ao movimento repensar o novo sujeito contextualizado historicamente e, portando, diferenciado internamente.

Essa situação suscitou polêmicas no seio do feminismo. Sem embargo, em nossa compreensão, unir as mulheres em uma identidade de gênero única, crendo que todas as mulheres vivem as mesmas situações é ocultar a existência de distintas formas de vivenciar a opressão e, ao mesmo tempo, negar a existência de hierarquias existentes nas relações de poder entre mulheres que pertencem a diferentes classes sociais, grupos étnicos distintos e culturas diversas. Um acontecimento importante dos anos oitenta, no nível da teorização, foi a constatação de que categorias como mulher, homem, masculino, feminino, possuem conteúdos históricos específicos e se toma analiticamente problemático tentar aplicar a estas categorias uma universalidade, sob pena de cometermos os mesmos erros que temos criticado. Estas preocupações são as mesmas trazidas por Gebara e suscitam o debate que se encontra na ordem dia do pensar feminista.

Considerando estas preocupações, nas quais a autora chama a atenção quanto ao uso da categoria gênero, que é não absolutizar a opressão das mulheres e o receio de se cair em construções utópicas universalizantes, que se mostraram incapazes de dar conta desta múltipla realidade, levando-nos a uma revisão de práticas e teorias. Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal é uma leitura instigante do início ao fim, possibilitando novas reflexões sobre o mal humano, particularmente o mal que atinge as mulheres.

- A Mobilidade da Senzala Feminina. Mulheres Nordestinas, Vida Melhor e Feminismo (2000)

- “Cultura e relações de gênero” (São Paulo, 2001);
- “El rostro oculto del mal. Una teología desde la experiencia de las mujeres” (Trotta, Madrid, 2002);
- La sed de sentido. Búsquedas ecofeministas en prosa poética (2002)
- “Pour libérer la Théologie” (Canadá, 2002);
- As águas do meu poço. Reflexões sobre experiências de liberdade (2005)
- “O que é teologia” (Brasiliense, São Paulo, 2006);
- O que é Teologia Feminista (2007)
- O que é Cristianismo (2008)
- Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos - Antologia de Textos (2010)
- Filosofia feminista - uma brevíssima introdução (2017)
- Travessias e acenos (1º romance) - Edições Terceira Via (2018)

REINTERPRETAR AS ESCRITURAS NA ÓTICA DAS MULHERES EMPROBRECIDAS

Elsa Tamez entende a teologia mais como uma vivência, do que como uma disciplina, pois seria a expressão de experiências de vida em determinadas situações que refletiria a ausência ou a presença de Deus. Suas concepções teológicas foram influenciadas pelo contexto, marcado pelos processos revolucionários na América Central, acredita que a teologia não pode ser neutra.

Acredita em um Deus dos pobres, misericordioso que se indignava frente à injustiça e a opressão e faz sua opção pelos excluídos da sociedade, revelado na Bíblia. Faz uma crítica do deus-Mercado do neoliberalismo, que exerce uma enorme fascinação em nossa sociedade e deslumbre com suas propostas de felicidade, mas seria um deus sem misericórdia e sem graça, que exigiria sacrifícios humanos e cujo triunfo seria a derrota dos pobres, que seriam excluídos da salvação.

- “Diccionario conciso Griego-Español” (1978);
- “La hora de la vida. Lecturas bíblicas” (1978);

- “La Biblia de los oprimidos” (DEI, San José, 1979)

Elsa Tamez na obra “La Biblia de los oprimidos. La opresión en la teología bíblica”, sustentou que a relação entre libertação e dominação não é um tema bíblico a mais, mas o contexto histórico no qual se desenvolve a revelação divina, a partir do qual se entende melhor o significado dos grandes temas da teologia cristã como: fé, graça, amor, paz, pecado e salvação.

Fez uma interpretação inovadora da Carta aos Romanos, com foco na questão da justificação pela fé.

- “El mensaje escandaloso de Santiago” (1985);
- “Contra toda condena. La justificación por la fe desde los excluidos” (DEI, San José, 1990);
- “Teología feminista latinoamericana” em co-autoria com Maria Pilar Aquino (Abya-Yala, Quito, 1999);
- “Cuando los horizontes se cierran. Relectura del libro de Eclesiastés o Qohelet” (San José, 1999);

Na obra “Cuando los horizontes se cierran” fez uma interpretação do Eclesiastes a partir de uma dupla contextualização: levando em conta a época do autor, caracterizada pela “globalização” promovida pelo sistema helenista ptolemaico (séc. III a.C), e a época em que foi comentado, caracterizada pela globalização neoliberal.

Fez um estudo da Primeira Carta a Timóteo, a partir do qual oferece uma melhor compreensão do processo de formação, institucionalização, hierarquização e patriarcalização das comunidades cristãs.

- “Jesús y las mujeres valientes” (2001);
- “Bajo un cielo sin estrellas. Lecturas y meditaciones bíblicas” (DEI, San José, 2001);
- “Las mujeres en el movimiento de Jesús” (2003);
- “Luchas de poder en el cristianismo primitivo” (Sal Terrae, Santander, 2005);
- “No discriminen a los pobres. Lectura latinoamericana de la Carta de Santiago” (Verbo Divino, Estella, 2008).

“A Mulher que Complicou a História da Salvação” é o título de um trabalho da teóloga Elsa Tamez, que utiliza a narrativa bíblica de Agar para propor uma nova perspectiva da história da salvação, interpretando a história a partir da perspectiva de uma escrava marginalizada e não a partir das figuras tradicionais. O termo questiona as leituras tradicionais, que muitas vezes marginalizavam ou apresentavam como negativas mulheres como Agar, e a partir de sua história, propõe uma reflexão sobre a ação de Deus em favor dos oprimidos e a sua capacidade de ouvir o grito dos indefesos.

Agar, a escrava egípcia: Agar era a serva de Sara, a esposa de Abraão. Diante da infertilidade de Sara, ela engravidou de Abraão como um meio para ter um filho, mas com o tempo, passou a ser maltratada por Sara.

A fuga e o encontro no deserto: Fugiu para o deserto, onde, desesperada, foi encontrada por um anjo do Senhor, que a confortou e prometeu que sua descendência seria numerosa. A experiência fez com que Agar reconhecesse a Deus como “o Deus que me vê”.

Uma nova perspectiva da história bíblica: a partir da obra de Tamez, a história de Agar é reavaliada, mostrando que ela não é apenas uma “rebelde”, mas uma visionária que, com a intervenção divina, garantiu um lugar na genealogia da salvação para os seus descendentes, os árabes. A obra sugere que Deus não aceita a opressão e a violência, e que a história de salvação inclui os marginalizados e oprimidos, como Agar.

CONCLUSÃO

O ser humano é fruto de um longo processo de evolução da própria vida. A vida evoluiu milhares e milhares de anos até criar esta espécie a qual pertencemos e que chamamos humana. Em nós a vida continua sendo criada, continua desenvolvendo-se, desdobrando-se, revelando-se em diferentes grupos culturais, em diferentes organizações econômicas, políticas, sociais e culturais. A vida fez surgir o ser humano do interior da própria evolução criativa da terra e do cosmo.

Por sua vez, o ser humano continua em si mesmo e nas suas obras a própria expressão criativa da vida. Nós nos recriamos na própria evolução criativa da vida. Nesse nível de expressão temos que incluir também nossa capacidade reflexiva, nossa

capacidade de amar, nossa capacidade ética e todas as outras capacidades que nos caracterizam.

Nosso aprendizado vital articulado ao conjunto da natureza, permitiu que gradualmente respondêssemos, por exemplo, ao desafio que um rio nos lança como 'separação' entre um lugar e outro e, fomos capazes de construir pontes.

Para nos deslocarmos nas águas construímos barcos e em seguida navios. Para vencer as distâncias construímos aviões e assim por diante. Aprendemos a observar atentamente nossa existência humana, a vida dos insetos, animais, plantas e com todos eles descobrimos caminhos para vivermos e desenvolvermos nossa criatividade e nos ajustarmos aos desafios de cada situação.

Nosso aprendizado vital nos fez descobrir as causas sociais da pobreza econômica de nossos povos, nos fez elaborar hipóteses explicativas e interpretações da história, assim como organizar ações concretas.

As nossas ideias sobre as coisas, sobre nós mesmos, sobre o universo não nascem prontas, não caem milagrosamente do céu e nem brotam magicamente da terra. Elas são fruto de lenta maturação, de milênios de anos de gestação de contínua transformação, mesmo se nem sempre perceptíveis por nós em todo seu complexo percurso. O e Cremos, o evento Cristo diz respeito ao grande Amor de Deus por nós humanos, o Verbo (PALAVRA = כֶּתֶב em hebraico *DABAR*) transforma-se Corpo, acampa entre nós, no dizer do evangelho segundo João. O Verbo assume a condição humana, torna-se um de nós: concreto, situado, determinado; torna-se um ser humano: Jesus de Nazaré. Como humano Jesus teve que experimentar todo o processo que a humanidade já havia feito até ele. Ele assume toda essa evolução, reformula, questiona, continua e transforma sempre a partir de uma intimidade profunda com o transcendente: יהוה (nome de Deus que os judeus não pronunciam, é conhecido como o tetragrama, está na Bíblia hebraica) que Ele chama de אֶבֶן: pão. Jesus teve grande abertura na acolhida do diferente, e foi um ser de muitos movimentos (físico, de consciência, de relações).

É nesse percurso de estar em relação, em processo de comunicação para além de nossas fronteiras que crescemos e nos enriquecemos. Continuar cristão hoje, passa necessariamente pela capacidade de estar aberto ao outro, ao diferente e caminhar juntos levando a nossa identidade em constante construção.

Não dá para pensar o cristianismo de forma estática, imóvel e parada. O Cristianismo é proposta de um evento que se expressa e se comunica em cada tempo e lugar, a partir e como eixo, de uma visão sempre nova e inteligível para cada povo, tempo e lugar.

O cristianismo está intimamente ligado ao processo de humanização, e como integrador deste processo deve estar atento para alimentar uma postura de abertura, sua identidade é algo que está em profunda comunicação consigo, com os outros e com o Outro transcendente - Deus. É experiência feita por humanos, um sentido construído por nós, é uma compreensão, uma linguagem em movimento.

Elenco aqui três aspectos do horizonte que se nos apresenta hoje:

a) Temos uma herança racional, patriarcal, lógica, sistêmica que em nosso tempo vem sendo bastante questionada por sua parcialidade e negação de pontos essenciais: os sentidos, o feminino, os ecossistemas, o sentimento, o lúdico, o escuro. Ouvir a produção das mulheres traz um alento no caminhar.

b) Fazer teologia é pensar o plural, é articular Logos e Eros, Apolo e Dionísio... é fazer um processo de desconstrução para reconstruir: “Com panos novos, odres novos” ... estruturas novas, abertas. Pensar o discipulado de iguais,

c) A teologia feminista é fala que tenta construir o plural, falar de coisas “proibidas”: abre a imaginação, dança com as ideias. Na poesia Deus fala, aparece, torna-se presente, nos recria, faz-nos novos. E conseguimos vê-lo belo, eterno, sempre novo, amigo, irmão, companheiro do caminho que se faz caminhando. Na poesia, Deus é gracioso, não é somente “vento impetuoso” – masculino -, mas é também, e, principalmente, “brisa morna” da tarde – feminino.

REFERÊNCIAS

GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

GEBARA, Ivone. Teologia em ritmo de mulher. São Paulo: Paulinas, 1994. GEBARA, I. Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. A trindade e a experiência humana. In: RUETHER, R.R. (Org.). Mulheres curando a terra: mulheres do terceiro mundo na ecologia, no feminismo e na religião. São Paulo: Paulinas, 2000a. pp.27-43.

MEDEIROS FILHO, A.G. A teologia produzida por mulheres: questões que nos desafiam como humanidade. *Revista Nexus Interdisciplinar*, Natal/RN, v. 1, n. 2, p. 215-238, abr./jun., 2026.

GEBARA, Ivone. Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente. Entrevista com Ivone Gebara, por Maricel Mena López, Mandrágora, ano 6, n.6, dez 2000b. pp. 79-84.

GEBARA, Ivone. 500 Anos e o Discurso sobre o mal feminino, Impulso, n. 27, 2000c, p. 272-284.

GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. A mobilidade da senzala feminina. São Paulo: Paulinas, 2000.

GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003. pp. 153-170.

TAMEZ, Elza. A Bíblia dos oprimidos: a opressão na teologia bíblica. São Paulo: Paulinas, 1980.

GEBARA, Ivone. A Mulher que Complicou a História da Salvação, Estudos Bíblicos nº 7, Leitura da Bíblia a partir das condições reais da vida, Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

GEBARA, Ivone. A Força da Nudez, Revista Eclesiástica Brasileira nº 46, fasc.181, Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GEBARA, Ivone. La Mujer como Sujeto histórico em la Produccion Teológica, Mujer Latinoamericana, Iglesia y Teologia, Editado pelo grupo Mujeres para el Dialogo, México, 1981, p.105-112.

GEBARA, Ivone. (org.), Las mujeres toman la palabra: em diálogo com teólogos de la liberación hablan sobre la mulher, 1º ed. San José: Ed. Dei, 1989.

GEBARA, Ivone. BRANDÃO, Margarida L. R., A Força Mutante das Mulheres: paixão e compaixão, Teologia na Ótica da Mulher, Departamento de Teologia/Núcleo de Estudos sobre a Mulher, 1990, p.7-29.

GEBARA, Ivone. La mujer y la Teologia en America latina: antecedentes históricos. In: Ana Maria Tepedino/ Maria Pilar Aquino. (Org.). Entre la indignación y la esperanza. Bogota: Indo-American Press, 1998, p. 9-35.

GEBARA, Ivone. Mujer y Teologia. In: Aportes para una teologia desde la mujer. Maria Pilar Aquino. (Org.). Madrid: Biblia y Fe, 1985, p. 60-70.

GEBARA, Ivone. A mulher como memória. Grande Sinal, Petrópolis, 1988, p.291-300.

TEPEDINO, Ana Maria, As discípulas de Jesus, Petrópolis: Ed. Vozes, 1990.

GEBARA, Ivone. Espiritualidade do seguimento de Jesus no compromisso com os excluídos: fora do amor não há salvação. In: Secretariado Nacional do 11º Intereclesial de Ceb. (Org.). CEBs: Espiritualidade Libertadora. Belo Horizonte: O Lutador, 2004, p. 68-86.

SCHÜSSLER-FIORENZA, E. The Politics of Otherness; Biblical Interpretation as a Critical Praxis for Liberation. In: ELLIS, M. H.; MADURO, O. (eds.). The Future of Liberation Theology. Maryknoll: Orbis, 1989. p. 311-325.

GEBARA, Ivone. Deus (G*d)* trabalha em meio a nós. De uma Política de Identidade para uma Política de Luta. Revista de Estudos da Religião, n. 1, p. 56-77, 2002.

GEBARA, Ivone. *Discipulado de Iguais: uma eclesiologia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEBARA, Ivone. *Cristología Feminista Crítica. Jesús, Hijo de Miriam, Profeta de la Sabedoria*. Madrid: Trotta Editores, 2000.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: abril de 2026.